



As Contribuições do Mediador Escolar no Desenvolvimento Cognitivo e Social de Crianças com TDAH

Naiara de Freitas Souza¹; Maricélia Félix Andrade Bringel²

Resumo: O objetivo desse estudo foi mostrar a importância do mediador escolar nos processos de aprendizagem, inclusão e desenvolvimento de alunos com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH). Trata-se de uma pesquisa de campo, do tipo estudo de caso, de abordagem qualitativa. Constou da observação e acompanhamento da mediação escolar com um aluno com TDAH do 5º ano do Ensino Fundamental de uma escola no Município de Salgueiro-PE. No decorrer do artigo são apresentados relatos de professoras e atividades realizadas pelo estudante. Analisando as falas das professoras e comparando com atitudes e comportamentos recentes do aluno, foi possível notar a diferença e o avanço geral dessa criança após as intervenções e estratégias desenvolvidas pela mediadora. Concluiu-se que o aluno com esse transtorno, precisa de acompanhamento durante toda a educação básica, sendo este essencial no seu processo de aprendizagem e socialização na escola. Dessa forma, o avanço progressivo da criança no ambiente escolar tende a se fazer notar com maior efetividade.

Palavras-chave: Mediação, TDAH, Aprendizagem.

The Contributions of the School Mediator in Cognitive Development and Social Development of Children with ADHD

Abstract: The aim of this study was to show the importance of the school mediator in the learning, inclusion and development processes of students with Attention Deficit Hyperactivity Disorder (ADHD). This is a field research, of the case study type, with a qualitative approach. It consisted of the observation and follow-up of school mediation with a student with ADHD in the 5th year of elementary school at a school in the city of Salgueiro-PE. Throughout the article, reports of teachers and activities carried out by the student are presented. Analyzing the teachers' speeches and comparing them with the student's recent attitudes and behavior, it was possible to notice the difference and the general progress of this child after the interventions and strategies developed by the mediator. It was concluded that the student with this disorder needs monitoring throughout basic education, which is essential in their learning and socialization process at school. In this way, the progressive advancement of the child in the school environment tends to be noticed with greater effectiveness.

Keywords: Mediation, ADHD, Learning.

¹ Faculdade de Ciências Humanas do Sertão Central (FACHUSC). naiara.freitas13@gmail.com

² Faculdade de Ciências Humanas do Sertão Central (FACHUSC). mariceliafelix@yahoo.com.br

Introdução

Com o surgimento da obrigatoriedade das escolas, incluírem e assegurarem a permanência e o acesso à educação para os alunos especiais, se fez necessário a garantia de um Profissional de Apoio Escolar individualizado a esses estudantes. A função na maioria das vezes era ocupada por graduandos que entravam como estagiários e recebiam essa função de Mediador Escolar, ou por pessoas sem nenhum conhecimento específico, muitas vezes pagas pela própria família desse estudante.

A função de mediador escolar não envolve só cuidados, ela deve ter como principal atribuição a mediação do conhecimento, e é esse profissional que vai tornar possível o acesso ao conhecimento passado em sala para o aluno com dificuldade de aprendizagem (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DO DÉFICT DE ATENÇÃO, 2022).

O objetivo do presente estudo foi demonstrar a importância do mediador escolar nos processos de aprendizagem, inclusão e desenvolvimento de alunos com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH). Diante disso, o questionamento: A Educação Para todos está acontecendo de forma a atender a necessidade de todos? E os direitos das crianças com TDAH realmente são afirmados? Para responder à pergunta base desse trabalho, será relatada o estudo de caso relatado sobre a vivência em forma de mediação escolar junto a um aluno com TDAH, em uma turma do 5º ano do Ensino Fundamental na Escola Municipal Padre Manoel Garcia e Garcia, localizada no Sítio Campinhos, Zona Rural do 4º Distrito do Município de Salgueiro – PE.

Incluir e garantir a aprendizagem desses alunos é dever das escolas, e o mediador se tornou indispensável nesse progresso; e levando em consideração esses fatores, esse artigo iniciou-se com a pesquisa bibliográfica buscando referências indispensáveis no que se trata da mediação no âmbito escolar, seguida do estudo de caso relatando as experiências e vivências pedagógicas, evidenciando os avanços significativos do aluno diante mediação. Ao aluno em estudo foi atribuído o nome fictício de João. Essa pesquisa contribui para os avanços nas metodologias usadas em alunos com TDAH, na atualização das referências sobre estudo de caso envolvendo especificamente esse transtorno pouco relatado, e na valorização e reconhecimento profissional do Mediador Escolar, diante sua importância transformadora. Também contribuirá para o aumento de material teórico nessa área específica, já que “com o crescimento e propagação da ideia do mediador escolar, despontou a necessidade de se estudar mais a miúdo o assunto. Já que não é tão farto o material teórico disponível sobre o tema”.

(MOUSINHO et al, 2010, pág. 93).

Contexto histórico: Pessoa com Deficiência e os desafios enfrentados na luta para a Educação Inclusiva

Num contexto histórico, as pessoas que nasciam com algum tipo de doença mental ou física eram invisíveis para a sociedade, elas eram rejeitadas, impedidas do convívio social, e até mesmo sacrificadas de acordo com determinados contextos históricos e religiosos. O acesso à educação para essas pessoas era impossível, primeiro pelo fato da educação na Idade Média, que era somente para homens da elite, e segundo que pessoas com deficiência eram vistas como incapazes, improdutivas, e aquelas que tinham a comunicação e o comportamento atípico eram tidas como um risco ao convívio social, chegando a serem considerados monstros ou algum outro tipo de aberração (SILVA, 2009).

O autor relata ainda sobre esse período de privação da liberdade:

Ao longo do século XIX e da primeira metade do século XX, os deficientes foram, assim, inseridos em instituições de cariz marcadamente assistencialista. O clima social era propício à criação de instituições cada vez maiores, construídas longe das povoações, onde as pessoas deficientes, afastadas da família e dos vizinhos, permaneciam incomunicáveis e privadas de liberdade. (SILVA, 2009. p. 137)

A segregação e o preconceito eram praticados abertamente porque não existia até então nada que provasse o contrário dessas crenças, e essas medidas de isolamento se estenderam por um longo período. Somente na Idade Moderna muda-se esse pensamento irracional e se começa a entender essas características como patologias e que elas devem ser tratadas cientificamente levando em consideração nesse processo de tratamento medidas pedagógicas, dando início assim a normalização e inserção das Pessoas com Deficiência na sociedade. A história da Educação Especial passa por etapas de evolução, uma evolução lenta levando em consideração a urgência e o tempo de um marco para o outro, e que teve como conquistas em seus movimentos os seguintes documentos, segundo Mousinho et al:

Diversos documentos foram gerados ao longo dos anos por organizações internacionais na tentativa de garantir o direito universal à educação, como também orientar o processo de inclusão, tais como: Declaração de Cuenca, em 1981; Declaração de Sunderberger, em 1981; Declaração Mundial sobre Educação para Todos - UNESCO, em 1990; aprovada pela Conferência Mundial sobre Educação para Todos - Tailândia, em 1990; Informe Final do Seminário da Unesco de Caracas, em 1992; Declaração de Santiago, em 1993; Normas Uniformes para Pessoas com Incapacidades, aprovadas em Assembleia Geral das Nações Unidas, em 1993; Declaração de Salamanca, de Princípios, Política e Prática em Educação Especial - Unesco, em 1994; Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência - ONU,

em 2006. Vale destacar que os documentos da Unesco em 1990 e em 1994 são considerados internacionalmente momentos históricos a favor da Educação Inclusiva. (Mousinho et al., 2010. pág. 2).

No Brasil, existiu historicamente a criação de documentos que legalizam o direito a educação trazendo parágrafos específicos para a regulamentação da Educação Especial e Inclusiva, sendo eles: A Constituição da República Federativa do Brasil de 1998, que traz a garantia da oferta do Atendimento Educacional Especializado (AEE), atendimento voltado para as pessoas com deficiência, os Parâmetros Curriculares Nacionais de 1999, que legaliza o direito de educação para todos, e outro avanço foi a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) nº 9394/96, que determina no Capítulo V, Educação Especial:

Art. 58. Entende-se por educação especial, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar, oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos portadores de necessidades especiais. §1º Haverá, quando necessário, serviços de apoio especializado, na escola regular, para atender as peculiaridades da clientela de educação especial. §2º O atendimento educacional será feito em classes, escolas ou serviços especializados, sempre que, em função das condições específicas dos alunos, não for possível a sua integração nas classes comuns do ensino regular. §3º A oferta da educação especial, dever constitucional do Estado, tem início na faixa etária de zero a seis anos, durante a educação infantil. (BRASIL, 1996).

Mas esses direitos realmente são afirmados? A lei determina a oferta desses serviços dando um primeiro passo para o avanço na educação inclusiva no Brasil. Todas as medidas visam a inclusão desses alunos, mas a real aplicação desses direitos para alunos com deficiência tem que acontecer nas escolas desde a estrutura dessas instituições até as práticas e planejamentos adaptados para cada caso, pois incluir vai muito além do que está somente posto na lei, a inclusão deve acontecer dia a dia no ambiente escolar, somente aceitar o aluno na escola não significa incluí-lo, é preciso haver uma mudança que dê ao aluno condições para que ele se desenvolva em todos os âmbitos, e lhes garantir aprendizagem, saber conviver e ser bem recepcionado por todos, bem como existir nas escolas recursos diversificados para se trabalhar com esses alunos, proporcionar aos demais alunos conhecimento sobre o tema da Pessoa com Deficiência, formar professores qualificados para receber esse público, tudo isso para que haja de fato Educação Inclusiva. O objetivo jamais será invalidar a criação da lei e sim alertar para a importância de trazer conceitos que levam em consideração as diversas particularidades desse público. Portanto a questão posta diz respeito à garantia do direito a inclusão e da importância de os documentos normativos estarem sempre ressignificando e melhorando seus parágrafos e conceitos para que eles saiam mais da teoria e as leis de inclusão sejam ampliadas e afirmadas.

Mediação Escolar

O profissional de Apoio escolar surge oficialmente na lei nº 13.146/2015, intitulada como a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência, surge da necessidade de se ter no ambiente escolar um profissional que seja responsável pela mediação da aprendizagem desses alunos em sala de aula, atribuisse também a essa função atividades de cuidado essenciais individualizados, dependendo das especificidades de cada aluno. Usa-se nesse trabalho a nomenclatura Mediador Escolar, tendo em vista o significado da palavra mediar é: “estar entre duas coisas”, sendo esse profissional a ponte de ligação entre o aluno e o conhecimento.

A principal função do mediador é ser o intermediário entre a criança e as situações vivenciadas por ela, onde se depara com dificuldades de interpretação e ação. Logo, o mediador pode atuar como intermediário nas questões sociais e de comportamento, na comunicação e linguagem, nas atividades e/ou brincadeiras escolares, e nas atividades dirigidas e/ou pedagógicas na escola. (MOUSINHO et al., 2010, Pag. 5)

Mediar um aluno envolve todas as questões que estão nesse meio, o objetivo será sempre o desenvolvimento geral dessa criança, onde cada caso deverá ser estudado e planejado por todos que fazem parte do convívio escolar, sendo o mediador a pessoa que irá ter mais contato físico com o estudante, já no primeiro contato do mediador com o aluno, precisa haver uma boa relação e uma aceitação por parte do aluno a qual o mediador terá que conquistar, e esse processo fala muito sobre como o aluno está sendo tratado, demonstrar respeito e atenção ao aluno certamente acarretará numa boa relação sendo esse um ponto positivo para o início de todo o processo de apoio escolar onde a criança precisa se sentir segura e ter confiança no mediador, facilitando todo o desenvolvimento do trabalho de acompanhamento, junto com a escola, a professora e também da família.

Cabe aqui ressaltar que como esse profissional ainda não tem o reconhecimento que merece, analisando as atribuições postas nas considerações sobre esse profissional no Art. 3º da Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência), coloca como:

XIII - profissional de apoio escolar: pessoa que exerce atividades de alimentação, higiene e locomoção do estudante com deficiência e atua em todas as atividades escolares nas quais se fizer necessária, em todos os níveis e modalidades de ensino, em instituições públicas e privadas, excluídas as técnicas ou os procedimentos identificados com profissões legalmente estabelecidas; (BRASIL, 2015)

A lei trouxe a garantia do profissional mas ao mesmo tempo não coloca seu real objetivo que está ligado diretamente a aprendizagem desses alunos, como já foi dito o cuidado é essencial mas não é somente esse lado, o principal motivo desse profissional é fazer com que o

conhecimento chegue no aluno de maneira igual, ter a capacidade de torna-lo autônomo, procurar meios e métodos específicos que torne possível todos esses objetivos, por isso é importante que o perfil das pessoas que ocupam essas funções seja de profissionais qualificados e que tenham todo um conhecimento especializado para essas atribuições, ou no mínimo sejam treinados e capacitados para atender a esse público da educação especial que é tão diversificado em suas necessidades, e mesmo diante de todas as evidências da importância, os processos de seleções desses cargos não exigem essa preparação, como coloca Uhmman:

Um dos primeiros pontos a ser discutido no aspecto da mediação escolar diz respeito ao fato de que ainda pouco é discutido: a formação deste profissional. A legislação deixa uma abertura muito grande neste sentido, o que faz com que muitos concursos ao abrirem vagas para esta área fiquem em dúvida com relação a muitos pontos a serem exigidos em sua formação e, ao final, acabam por exigir muitas vezes por apenas o ensino fundamental completo. (UHMANN, 2021, Pág. 6).

Exigir um mínimo de formação específica na área da educação deveria ser critério para ocupação dessas vagas, isso afeta diretamente no desenvolvimento da aprendizagem desses alunos e é também descumprimento da garantia da inclusão, incluir envolve todo o processo desde quando o aluno entra na escola, e a partir do momento que acontece a falta de compromisso com a aprendizagem esse direito está sendo negado, o mediador atua diretamente em sala de aula e precisa ter a capacidade trabalhar com práticas pedagógicas, exigir apenas nível fundamental para quem vai atuar com esse papel desmerece aquele que precisa de atendimento qualificado que são todos os alunos que tem por direito, atendimento especializado feito por profissionais competentes.

Renata Mousinho (2010) também traz esse ponto sobre a contratação dos mediadores onde aponta que na maioria das vezes em escolas públicas a contratação desses profissionais acontece por parte dos pais, eles pagam essas pessoas, e que os estagiários têm sido eventualmente utilizados na rede pública. A contratação dessa forma não deve acontecer, como afirma Uhmman: “Outro ponto, diz respeito a contratação deste profissional, que deve ser promovida pela escola e não pelos pais”. (2021, Pág. 6).

TDAH no contexto escolar

Alunos com transtornos de aprendizagem tem o apoio desses profissionais por apresentarem problemas na aprendizagem escolar, e se tratando especificamente do Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade – TDAH, ele afeta diretamente a escrita, a leitura, a atenção, a organização e a memória do aluno, e como esses fatores são mais identificados no

ambiente escolar é nessa etapa que geralmente surge o alerta e posteriormente o diagnóstico:

O TDAH é geralmente diagnosticado quando a criança começa a frequentar a escola, ainda que os sintomas estejam presentes antes disso. A partir daí, frente a conflitos e outras dificuldades oriundas de comportamentos associados à hiperatividade, impulsividade ou desatenção no ambiente escolar, normalmente é da Escola que parte a primeira mobilização para lidar com a situação. (MARQUES, 2012, Pag. 76)

Antes de planejar qualquer material ou atividade destinadas ao TDAH, é preciso conhecer o caso, isso significa conhecer o aluno, saber das suas necessidades, o que ele traz enquanto conhecimento, qual o nível de aprendizagem em que esse aluno se encontra, sua verbalização, seu desenvolvimento motor e cognitivo, conhecer a família da criança para que se tenha uma noção externa e acima de tudo respeitar a criança e saber das suas limitações. Não existe uma forma correta a ser seguida na mediação de alunos com TDAH, mas observar todas essas questões vai direcionar o planejamento para melhor atender as necessidades e problemas de cada caso. A ABDA - Associação Brasileira do Déficit de Atenção, mostra a quantidade de funções que são afetadas devido o transtorno:

O TDAH é compreendido hoje em dia como um transtorno que compromete principalmente o funcionamento da região frontal do cérebro, responsável, entre outras atividades, pelas funções executivas (FE). As FE têm uma definição bastante ampla. É um termo “guarda-chuva” que abriga um número grande de subdomínios extremamente importantes para o funcionamento das pessoas. Entre eles podemos citar: elaboração do raciocínio abstrato; alternância de tarefas; planejamento e organização das atividades; elaboração de objetivos; geração de hipóteses; fluência e memória operacional; resolução de problemas; formação de conceitos; inibição de comportamentos; automonitoramento; iniciativa; autocontrole; flexibilidade mental; controle da atenção; manutenção de esforço sustentado; antecipação; regulação de comportamentos; e criatividade. (ABDA, 2017, pag. 21).

Obviamente são muitas as consequências causadas em decorrência do comprometimento de todas essas funcionalidades, entre os mais variados problemas pode-se perceber no estudo de caso, a desatenção, a impulsividade, a dificuldade de finalizar tarefas que exigem mais raciocínio, a resistência em ficar sentado por muito tempo, distrações com pequenas coisas, pouca capacidade de armazenar a longo prazo informações, pouca memorização, apresenta comportamentos inadequados e falas em momentos inapropriados, isolamentos quando acontece algum problema, dificuldade com mudanças principalmente de rotina, desorganização, perde constantemente coisas necessárias a aula, e vários outros problemas que afetam o desempenho escolar de um modo geral, o mediador junto com o professor precisa identificar todos esses problemas porque conhecer sobre o TDAH e identificar os problemas apresentados por cada caso ajuda na elaboração de processos destinados

exclusivamente para o aluno em estudo, e essa organização do mediador visa ao máximo a aprendizagem.

[...] o estudante com TDAH, assim como todos os outros estudantes, possuem seu próprio tempo de aprendizagem; porém, em sua maioria, os estudantes com TDAH precisam de um tempo maior para internalizar o que foi ensinado. (MAIA, 2015, Pág. 80).

A comparação de estudantes com TDAH com os demais estudantes é errônea, ela pode gerar ainda mais a inferioridade já existente neles, é preciso entender e mostrar a toda turma que esses alunos não são atrasados ou lentos, eles só precisam de um tempo a mais para executar as mesmas atividades que lhes são destinadas, trabalhar isso com a turma diminui preconceitos e ajuda na socialização do aluno com a turma.

O intelecto e o emocional controlam o corpo, ou seja, no momento em que o estudante se sente bem em seu ambiente, que recebe incentivo, seja por um elogio ou por resultados positivos, a sua inquietação e agitação diminuem, pois ele estará mais preparado para exercer sobre si o autocontrole, melhorando sua condição. (MAIA, 2015, Pág. 81).

O mediador é a pessoa com maior capacidade de mudar a realidade desses alunos em sala de aula, ele deve ser o maior apoiador, e aquele que vai receber e acolher o aluno incentivando-o e estimulando-o no desenvolvimento de seus talentos, sempre usando da motivação e do incentivo as boas ações, jamais deixar que o erro daquela criança seja evidenciado, a inferioridade deve ser superada. Buscar sempre inovar e criar estratégias criativas que despertem no aluno o prazer em está em sala de aula. Toda a escola deve estar à disposição para ajudar, sempre que necessário recorra pessoas com mais experiência, proponha um ambiente favorável ao aluno e que esteja de acordo com os recursos da realidade da instituição, pois esse trabalho de medição escolar, se feito da maneira apropriada e visando a autonomia e o desenvolvimento do aluno, pode proporcionar mudanças transformadoras no futuro dessas crianças, e o aluno que possui esse transtorno pode ter uma ter um lindo processo educacional e conseqüentemente ter uma vida feliz.

Metodologia

Trata-se de uma pesquisa de campo, do tipo estudo de caso, de abordagem qualitativa.

Constou da observação e acompanhamento da mediação escolar com um aluno com TDAH do 5º ano do Ensino Fundamental de uma escola no Município de Salgueiro-PE. Consistiu no estudo do caso um aluno da Escola Municipal Padre Manoel Garcia e Garcia, localizada na Área Rural do 4º Distrito do município de Salgueiro-PE.

O aluno selecionado, foi diagnosticado com TDAH, um transtorno de aprendizagem que afeta diretamente seu desempenho e suas funcionalidades cognitivas, e em decorrência desse transtorno o aluno se encontra em processo de alfabetização. O mesmo ainda não atingiu o nível de aprendizagem correspondente ao 5º ano do Ensino Fundamental. Foi relatada a experiência de 6 meses de mediação, inclusive todo o avanço do aluno nesse período de acompanhamento. Para isso foram descritas as intervenções diárias feitas pelo mediador, necessárias para garantir ao aluno um melhor desempenho em sala de aula. A finalidade é recolher evidências que possam comprovar a importância desse apoio escolar no processo de aprendizagem do aluno em estudo.

O seu avanço será observado através de um comparativo, inicialmente utilizando-se de relatos de professoras e gestores, que tiveram experiências com o aluno, antes do acompanhamento pela mediadora e, posteriormente, como elas percebem o aluno após os 6 meses, com o acompanhamento da mediadora escolar.

Estudo de Caso

Todos os resultados apresentados têm o intuito de evidenciar o avanço no processo de desenvolvimento escolar do aluno sobre mediação escolar desde o início do ano letivo de 2022. João é um aluno do 5º Ano do Ensino Fundamental da Escola Padre Manoel Garcia e Garcia, o estudante foi diagnosticado com TDAH em 2019.

Para se ter uma visão de como era o comportamento e a aprendizagem antes e depois da mediação, este trabalho apresenta um relato geral e resumido de duas professoras que tiveram contato com o aluno antes e continuam tendo atualmente. As duas seguiram um roteiro simplificado contendo uma linha de fala a ser seguida.

Serão usados os termos **Prof.1** e **Prof.2** para se referir às falas de cada uma delas, onde a **Prof.1** relata de início:

[...] fui professora dele no 2º Ano, (do Ensino Fundamental) do ano de 2018, ele era um aluno muito inquieto e hiperativo, não gostava de fazer as atividades, saía o tempo todo da banca e ia sempre mexer com os outros colegas. Como era uma turma numerosa, e esse aluno precisava de uma atenção especial

voltada pra ele, mas não tinha como eu fazer esse acompanhamento que realmente ele precisa, trazia sempre atividades diversificadas pra ele, trazendo pra realidade dele, mesmo assim eu tentava ajudá-lo e mesmo assim ele não mostrava interesse.

Observa-se desse relato, que existem várias questões problemáticas, primeiro o indicativo de que o aluno apresentava comportamentos que sinalizavam para algum problema que gerava essas reações, e identificá-los é o primeiro passo que o professor pode fazer nesse processo.

Essa possibilidade de identificar precocemente os sintomas e encaminhar a criança o mais rápido possível para a avaliação médica transforma não apenas os professores, mas toda a equipe técnica da escola em peças fundamentais no processo diagnóstico e de tratamento do TDAH. (ABDA, 2017, Pag. 19).

A **Prof.2** traz características do aluno antes mesmo do diagnóstico:

[...]ele é um aluno que teve muita complicação no início da vida escolar dele, ele foi uma criança muito problemática na escola, e a gente... teve que ter uma atenção assim mais especial pra ele, desde que ele iniciou na escola.

O diagnóstico deve ser rápido, afinal, ele contém vários fatores que vão favorecer o aluno dentro e fora da escola, evitando principalmente um futuro fracasso escolar.

Em 2019 o aluno é diagnosticado com TDAH e logo em seguida lhe é garantido perante lei, o Mediador Escolar, mas logo em seguida veio a pandemia da COVID-19, e a suspensão das aulas presenciais, gerando um atraso escolar enorme na aprendizagem principalmente de alunos dito “atípicos” o que não foi diferente com João, ele retorna em 2022 sabendo pouco mais do que escrever o seu primeiro nome, e se encontrava em um 5º Ano do Ensino Fundamental com o nível de aprendizagem abaixo do normal e com diversas especificidades decorrentes do TDAH.

A escola inicialmente, juntamente com a professora e principalmente a Mediadora Escolar, precisou conhecer o aluno e saber de todas as suas necessidades e como atuar da melhor forma possível, o objetivo mais importante naquele momento era a alfabetização de João, e em paralelo a isso surgiam uma série de comportamentos e problemas de desatenção gerados pelo transtorno, já visto anteriormente nesse trabalho. E cabe ao Mediador buscar estratégias que facilitem a diminuição desses fatores e, portanto, é preciso buscar conhecimento sobre o TDAH e a partir daí, planejar quais métodos e estratégias usar, e foi esse o caminho usado pela mediadora de João e também uma das autoras desse projeto.

Estratégias usadas pela Mediadora com o aluno

As estratégias e métodos não são uma regra a serem seguidas, elas visam ajudar e estão sendo postas em funcionamento pela mediadora com o aluno em estudo.

1. **Conheça seu aluno:** Busque saber quais são os interesses dele, o que ele prefere, quais seus gostos, quais suas habilidades, seus talentos e esteja sempre incentivando e usando esses fatores a favor da aprendizagem, seja criativo desperte nesse aluno o prazer de estar em sala de aula, elogie e evite falas que o desmotive. Eles precisam de alguém que mostre o quanto eles são capazes, uma vez que o aluno com TDAH tem tendência a se achar inferior e incapaz, e apresentam baixa autoestima, por isso reforce sempre a capacidade deles em aprender e proporcione essa aprendizagem.
2. **Organize a rotina escolar do aluno:** Estabeleça uma rotina dentro dos recursos e horários da escola, veja quais são os melhores momentos para desenvolver atividades, procure uma melhor condição do ambiente se for preciso converse com a turma e com a professora sobre excessos de barulhos. Sobre horários, estabeleça regras para a saída da sala de aula, ida ao banheiro e beber água, não permita que ele saia o tempo todo, caso ele não obedeça imponha consequências, enfim, determine os horários para essas atividades em geral, e caso seja necessário sair da sala de aula que seja sempre por um motivo maior. Mudanças extremas de rotinas devem ser avisadas previamente ao aluno.
3. **Use a comparação com colegas:** Alunos com TDAH não conseguem ter uma visão real do que são comportamentos adequados e inadequados, na maioria das vezes agem de forma incoerente em suas falas e ações, mostrar a ele o bom comportamento de colegas de sala, faz com ele tenha uma visão e possa tentar imita-los sendo assim uma boa inspiração para eles, faz com que eles tenham uma autoavaliação dos seus comportamentos, identificando o que é correto e o que é errado.
4. **Seja objetivo na explicação das atividades:** Veja anteriormente a atividade destinada ao aluno para que você possa tornar aquela atividade a mais objetiva possível, eles tendem a se dispersar muito rápido com atividades longas e que exigem um pensamento maior, é preciso saber qual atividade destinar a eles, porque

caso não seja bem aceita não terá o resultado esperado e a resistência do aluno será maior para concluí-las. Evite atividades longas e monótonas.

5. **Incentive a participação ativa do aluno nas atividades:** Mostre a ele a importância de participar de atividades culturais da escola, esse aluno precisa se sentir incluído, a resistência pode acontecer, mas continue tentando, porque o que importa em todas estas estratégias não é o resultado e sim o processo, a inclusão desses alunos deve acontecer em todos os momentos e ambientes da escola e o mediador deve favorecer esse direito.
6. **Busque por recursos que facilitam a aprendizagem:** Toda escola deve prover recursos que facilitam na aprendizagem, e o mediador deve usar esses recursos que são mais atrativos ao aluno, como jogos educativos, recursos visuais e tecnológicos, o esporte, e tudo que tiver a disposição do aluno, o mediador pode promover momentos diferenciados com o aluno, que tendo uma finalidade pedagógica bem definida se torna muito proveitoso, e esses momentos são muito bem aceitos pelo aluno.
7. **Promova a Autonomia do aluno:** Um ponto importante na função de mediadora é tornar o aluno o mais autônomo possível, e principalmente quando ele não tem limitações físicas, se confunde muito as atribuições de mediador com aquela pessoa que está ali pra fazer tudo pelo aluno, muito pelo contrário o aluno é quem deve ir beber água, procurar e organizar seu material, enfim deve ser atribuído ao aluno todas essas ações cotidianas, lembre-se o objetivo não é torná-lo dependente de você, por isso deixe as responsabilidades do aluno com ele (Isso não se aplica para alunos que tem necessidades físicas-motoras).
8. **Mantenha uma boa relação com o aluno:** Por fim, talvez a mais importante colocação, que é a boa relação entre o Mediador e o aluno, tenha amor, carinho e respeito pela criança, caso você mediador não tenha ainda nenhum conhecimento e não sabe o que fazer no início, comece dando a atenção e o carinho que essa criança merece, isso já será suficiente para que se tenha uma boa relação e para que seja possível desenvolver todas as anteriores. Gritar, usar a força física nunca será a melhor opção, use sempre o diálogo, porque o aluno com TDAH sabe escutar e internaliza tudo que está ao seu redor, eles são sensíveis e demonstram tudo que sentem, portanto, respeite o aluno.

Todas essas estratégias foram adquiridas com a prática e com o convívio, tendo em vista que:

[...] apesar do educador não ter conhecimento teórico suficiente para discorrer com propriedade sobre o TDAH, sua prática escolar lhe permite observar, analisar, levantar hipóteses e adaptar sua metodologia independente do que o sistema lhe oferece; possibilitando que esse aluno tenha suas diferenças respeitadas e seja realmente incluído na sala de aula regular. (SENO, 2010, Pag. 343)

Todo esse trabalho desenvolvido pela mediadora resulta no comportamento atual do aluno e as professoras trazem como está atualmente o comportamento e aprendizagem de João, elas falam respectivamente:

[...] Já hoje ele tem uma monitora e a gente observa o comportamento dele né... comparando com o de antes a gente observa que ele melhorou, ele hoje tem mais interesse, ele participa né, [...], ele até começa ensaiando só que depois ele desiste, mas é um avanço, já é um avanço, ele avançou muito em relação ao que ele era antes, em relação a aprendizagem, em relação ao querer, em relação a vir pra escola, ter o prazer de vim pra escola, porque ele sabe que hoje tem um alguém aqui específico pra ele, não que a monitora seja a professora dele, a regente, mas ela é um meio né, e um elo entre a professora regente e o aluno, então, é uma ajuda que... é... pra ele foi muito bom, e os avanços que a gente observa, tá sendo avanços de aprendizagem, ele tá se transformando! (Prof.1).

A **Prof.2** também evidencia esse progresso:

[...] Agora que ele cresceu, os anos foram se passando e a gente já ver que... já ver um grande avanço no desenvolvimento dele, ele que é... é uma criança... era uma criança muito problemática, mas que agora ele já... já tem mais uma maturidade pra conviver com o outro, ele já consegue conviver com os colegas sem ser agressivo, porque ele era muito agressivo, ele não tinha assim um... um respeito pelo... pela professora, por grande parte das pessoas da escola, ele era uma criança assim muito... agressiva, muito... era muito difícil a convivência dele, mas depois que ele está com a mediadora é... ele avançou bastante a gente percebe que hoje ele já atende aos comandos, ele já aprendeu a esperar a vez dele, a gente vê que ele já tem todo esse ... essa consciência de entender que a gente tem que esperar a vez de falar, esperar a vez de sair da sala pra ir ao banheiro, que ele achava que podia fazer tudo na hora certa, e agora ele já tem essa maturidade pra entender isso.

As duas professoras trazem em suas falas evidências do avanço do aluno na aprendizagem e na convivência no ambiente escolar, seu cognitivo também apresenta uma grande melhora. E outro comparativo mostrado aqui será um trecho do relato da **Prof.1** com fotos de algumas atividades realizadas recentemente por João.

[...] então ele não tinha muita paciência de ficar sentado de fazer uma atividade, uma atividade que demorasse né... ele não conseguia se concentrar e ficar sentado fazendo a atividade, ele fazia pouca coisa e já parava, dizia que tava cansado, que tava abusado e saía da sala sem pedir licença, sem saber que ali tem alguém que ele precisava perguntar se poderia sair ou não, quando voltava, voltava agressivo, porque ele não queria ficar na sala, então ... foi tentado de todas as formas, eu tentei de todas as formas, trazer atividades lúdicas que realmente interessasse a ele né, mas ele nunca demonstrou esse interesse! (Prof.1)

O aluno atualmente consegue ter um maior tempo de concentração, executa bem os

comandos da atividade, obedece a regras e tem um comportamento mais adequado, convivendo em harmonia com todos da sala e da escola.

Imagem 1: Atividades realizadas pelo aluno.



Fonte: Escola Padre Manoel Garcia e Garcia, 2022.

Para que essas atividades sejam desenvolvidas, é necessário conhecer várias habilidades e competências, e podemos ver que o aluno entende o comando e executa de forma satisfatória, e isso se deu em todas as outras atividades do livro, que são voltadas para ajudar no processo de leitura.

Considerações Finais

Tendo em consideração toda a pesquisa e o tempo de vivência da mediação, constatou-se que o aluno com Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade – TDAH, necessita de um acompanhamento durante toda a educação básica e, que esse apoio é essencial no seu processo de aprendizagem durante todo o processo de socialização na escola. Este aspecto é promotor de um progressivo avanço escolar da criança.

Observou-se que o aluno participante deste estudo progrediu social e cognitivamente, já que apresentou uma melhora na sua escrita, na leitura e no seu comportamento. Ele agora é leitor de sílabas, atendeu melhor as regras, realizou de forma satisfatória atividades propostas em sala e apresentou um comportamento mais adequado em sala de aula.

Conclui-se, por meio deste estudo, baseado na análise das informações, que o indivíduo desenvolveu-se com o meio social, e que o professor como agente mediador entre o conhecimento e o aluno, teve a função de mediar o conhecimento propiciando intervenções que colaboraram para o desenvolvimento pleno das suas funções psicológicas superiores. Portanto, este estudo demonstrou como o trabalho do mediador foi efetivamente competente neste caso, dada seu planejamento, qualidade e dedicação do mediador para com o aluno.

O desenvolvimento das funções psicológicas superiores é fundamental para qualquer indivíduo, e, é por meio do desenvolvimento dessas funções, que o aluno com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade irá conquistar o controle da conduta e da vontade, essenciais para a aprendizagem, evitando a medicalização e proporcionando que o aluno se desenvolva sem quaisquer tipos de prejuízos.

Espera-se que esse trabalho possa contribuir para o aumento de estudos nessa área e ajudar com estratégias, os mediadores, demonstrando que o aluno com TDAH tem direito a inclusão e que ela só acontece quando o conhecimento acontece para todos, independente de suas limitações de aprendizagem.

Referências

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DO DÉFICIT DE ATENÇÃO. **Cartilha da Inclusão Escolar TDAH – Uma conversa com educadores**. 2017. Disponível em: <https://tdah.org.br/cartilhas-da-abda/>. Acesso em: 23 out. 2022.

BRASIL. **Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência**. Lei n° 13.146, de 6 de junho de 2015. Disponível em: < L13146 (planalto.gov.br)>. Acesso em: 22 set. 2022.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei n. 9.394/96. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso em: 20 out. 2022.

MAIA, Maria Inete Rocha; CONFORTIN, Helena. TDAH e aprendizagem: um desafio para a educação. **Revista Perspectiva**, v. 39, n. 148, p. 73-84, 2015.

MARQUES, Alcione M.. Transtorno do déficit de atenção e hiperatividade (TDAH): contribuições das técnicas corporais na clínica psicopedagógica. **Constr. Psicopedag.**, São Paulo , v. 20, n. 21, p. 74-89, 2012 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php> Acesso em 19 out. 2022.

MENEZES, Ebenezer Takuno de. Verbete Declaração de Salamanca. **Dicionário Interativo da Educação Brasileira - EducaBrasil**. São Paulo: Midiamix Editora, 2001. Disponível em <<https://www.educabrasil.com.br/declaracao-de-salamanca/>>. Acesso em 14 set 2022.

MOUSINHO, Renata et al. **Mediação escolar e inclusão: revisão, dicas e reflexões**. 2010.
SENO, Marília et al. Transtorno do déficit de atenção e hiperatividade (TDAH): o que os educadores sabem. 2010.

SILVA, Maria Odete Emygdio da. **Da exclusão à inclusão: concepções e práticas**. 2009.

UHMANN, Silvana Matos et al. O Papel do Mediador Escolar: Qualificar A Mediação Para Qualificar A Inclusão. **Cadernos Macambira**, v. 6, n. 1, p. 158-173, 2021.

VARGAS, Thamyres Bandoli Tavares; RODRIGUES, Maria Gorete Andrade. Mediação escolar: sobre habitar o entre. **Revista Brasileira de Educação**, v. 23, 2018.



Como citar este artigo (Formato ABNT):

SOUSA, Naiara de Freitas; BRINGEL, Maricélia Félix Andrade. As Contribuições do Mediador Escolar no Desenvolvimento Cognitivo e Social de Crianças com TDAH. **Id on Line Rev. Psic.**, Fevereiro/2023, vol.17, n.65, p. 615-630, ISSN: 1981-1179.

Recebido: 26/11/2022; Aceito 18/12/2022; Publicado em: 28/02/2023.